

ACTAS DEL VI CONGRESO INTERNACIONAL DE LA ASOCIACIÓN HISPÁNICA DE LITERATURA MEDIEVAL

(Alcalá de Henares, 12-16 de septiembre de 1995)

Edición a cargo de
José Manuel Lucía Megías

TOMO I



Servicio de Publicaciones

Universidad de Alcalá

1997

Quedan reservados todos los derechos, ni parte ni la totalidad de este libro puede ser reproducido por cualquier medio, ya sea mecánico o electrónico, sin el permiso de los editores.

Comité Organizador:

Carlos ALVAR
 María del Carmen FERNÁNDEZ LÓPEZ
 Sonia GARZA
 José Manuel LUCÍA MEGÍAS
 Joaquín RUBIO TOVAR
 Pedro SÁNCHEZ-PRieto BORJA
 María Jesús TORRENS

En la edición de *Las Actas del VI Congreso Internacional de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval* han colaborado Pedro Sánchez-Prieto Borja, Joaquín Rubio Tovar, M.^a Carmen Fernández López, M.^a Jesús Torrens y Paciencia Talaya.

© Anónimas y colectivas
 © Universidad Alcalá
 Servicio de Publicaciones

I.S.B.N. (Obra completa): 84-8138-207-8
 I.S.B.N. (Tomo I): 84-8138-208-6

Depósito Legal: M-29893-1997

Imprime: Nuevo Siglo, S.L.

A INFLUÊNCIA DA RETÓRICA NA HISTORIOGRAFIA PORTUGUESA DO SÉC. XIV. A *CRÓNICA GERAL DE ESPANHA DE 1344*

Elisa Nunes Esteves
Universidade de Évora

A comunicação que apresentarei a este Congresso incide numa problemática que ainda permanece rodeada de muitas dúvidas e interrogações: a da amplitude e do grau de influência que alguns textos ou manuais de Retórica podem eventualmente ter exercido sobre a produção literária portuguesa da Idade Média.

É uma questão de fundo que, como lembra o Sr. Prof^o Rosado Fernandes no artigo sobre a Retórica no *Dicionário da Literatura Medieval* [...], não está resolvida nem estará enquanto não se realizarem mais estudos que procurem salientar esta dimensão nas obras da literatura portuguesa da época medieval. Espero não cair no grave pecado de presunção ao apresentar aqui algumas conclusões de um estudo que realizei, sobre a *Crónica Geral de 1344* (Esteves, E., 1994), e que incidem justamente nesse aspecto. Trata-se apenas de um modesto contributo que pode ter algum valor enquadrado numa investigação mais vasta que procure estabelecer a relação entre o conhecimento da Retórica e a elaboração literária, principalmente fora do âmbito religioso ou do círculo universitário.

Sobre a importância do estudo da Retórica nestes meios temos já informações precisas e valiosas, nomeadamente as do Prof^o Rosado Fernandes (1982 e 1983) e as do Prof^o Aníbal Pinto de Castro (1973). Infelizmente o autor que provavelmente mais contributos trouxe para o conhecimento da tradição retórica peninsular nos séculos XIII e XIV, Charles Faulhaber na obra *Latin Rhetorical Theory in 13e and 14e Century Castille* (1972), nada refere relativamente ao que se passava em Portugal nesta época. Circunscrevendo o seu espaço de investigação a Castela e Leão, fazendo algumas incursões em Navarra e na Galiza, põe de lado a Catalunha e Aragão, espaços muito

marcados pelas influências francesa e italiana. Quanto ao reino português, parece ignorar a sua existência na Península, assim como a actividade cultural dos centros de Santa Cruz de Coimbra e Alcobaça. O Prof^o Rosado Fernandes, no artigo acima citado, compara as informações dadas por C. Faulhaber com as que possuímos relativamente ao estudo da disciplina em Portugal na mesma época e conclui que ela valia menos que em Castela, mas valia o suficiente para se notar o efeito dos seus preceitos nas obras que nessa altura se escreviam. Ora esse efeito é evidente na *Crónica Geral de Espanha de 1344*, muito em particular quando a obra ostenta a sua originalidade em relação às fontes que seguiu.

Convirá termos presente que se trata de um texto historiográfico com uma específica intencionalidade pragmática e, nessa medida, as preocupações com o discurso revestem-se de alguma importância. Verifica-se a presença de um pendor ilustrativo que encontramos, aliás, na literatura produzida nos séculos XIII e XIV e que atinge tanto a historiografia como a prosa religiosa, moralística e didáctica. Para além da preocupação com a sequência cronológica dos acontecimentos e factos, a crónica carrega-se de histórias que sejam suficientemente exemplificativas, transformando-se, através de uma nítida abertura aos processos retóricos canónicos, não só na memória oficial da comunidade que a produz, mas também em manual de educação dessa mesma comunidade a quem se dirige.

Na *Crónica de 1344* as preocupações com o discurso estão explicitadas em passagens várias e de que esta que a seguir transcrevemos é o exemplo mais significativo:

Maneira he de todollos estoriadores que faz livros d'estorias, en que som estorialmente contados os grandes feitos, de os fazerem de boas e nobres razões. E os que acham feitos, se en algũa cousa son minguados, devēnos correger con boas e fremosas pallavras non desfalecendo na verdade da estoria mas cumprindo as razões minguadas e tirando as sobejas, en tal guisa que os que leerem pellos livros aprendam a ben fallar e venham en conhecimento e sabedoria das cousas antigas. (*Crónica de 1344*, IV:418)

Não estamos, assim, perante uma mera intuição ou um saber inconsciente, mas sim perante o fruto de uma reflexão explícita sobre a adequação dos conteúdos e do estilo e sobre a composição. Aqui verificamos igualmente que se a elaboração estilística tem em vista o deleite de quem lê, facilitando a transmissão de conhecimentos, são contudo os objectivos mais pragmáticos que merecem realce.

Mas passemos a aspectos mais concretos e específicos da *Crónica de 1344*. O acrescido cuidado retórico que a obra mais importante do Conde D. Pedro de Barcelos exhibe, e que determina uma parte da sua originalidade, está patente sobretudo na introdução de segmentos discursivos aparentemente excessivos e desproporcionados. Refiro-me fundamentalmente a cartas e a discursos pronunciados antes das batalhas ou nos conselhos e onde vemos acumularem-se vários processos retóricos em função de uma eficácia persuasiva determinada. Pela necessidade de respeitarmos os limites razoáveis de uma eficaz comunicação oral, restringiremos o campo de observação a duas narrativas da *Crónica*, a que dá conta da passagem de Hércules pela Península Ibérica (II:16-30) e a referente ao rei Rodrigo. (II:298-332).

O discurso dos conselheiros de Hércules, de extensão bastante razoável, no qual se

acumulam, introduzidos pela conjunção explicativa «ca», seis fortes argumentos para justificar o conselho inicial dirigido ao herói e no sentido de ele não aceitar o desafio de Gedeon para um combate individual é, em termos de economia e de lógica da narrativa, excessivo e inconsequente. Hércules agradeceu mas não aceitou nenhuma daquelas razões. A inclusão deste discurso estará por certo relacionada com a tendência, reiterada ao longo da *Crónica*, para a explicitação clara dos valores da cavalaria e da ligação vassálica, mas evidencia também o gosto e o conhecimento da técnica subjacente à elaboração de discursos.

O mesmo se verifica no caso do conselho que o conde Julião reuniu em Ceuta (II:316-322), episódio considerado contraditoriamente por Ramón Menendez Pidal (*Floresta* [...], 1958: LXXXII) «um episódio\ largo y bien concebido» e por Lindley Cintra (1964:18) exagerado e desproporcionado relativamente às outras sequências da narrativa. Trata-se, uma vez mais, de uma áspera contenda centrada precisamente na problemática das obrigações da cavalaria. Vingança e traição são os vectores mais importantes dos discursos emotivos que a condessa de Ceuta profere no conselho, bem marcados pelo ódio que dedica a Rodrigo. O segundo é particularmente inflamado, sendo o tom afectivo dado pelas apóstrofes, as exclamações e interrogações retóricas, as antíteses e o próprio paralelismo da construção discursiva. Contrastam com este, pelo frio racionalismo que evidenciam, os discursos dos conselheiros D.Simão e D. Henrique. Não deixam contudo de estar construídos com base em processos retóricos próprios da argumentação e postos ao serviço da intenção de persuadir o destinatário.

E relativamente à lenda do rei Rodrigo, não queríamos deixar de notar a cuidadosa elaboração das duas intervenções da confidente de Alataba, onde igualmente encontramos a mesma mestria na acumulação de argumentos através do processo retórico da «amplificatio». Alquifa consegue convencer Alataba a revelar ao pai a sua triste situação em Toledo, o que ela faz através da carta que lhe dirige. A observação dessa carta, pouco extensa, permite verificar como ela está elaborada de acordo com o consagrado para este género discursivo nas «artes dictaminis»: saudação, narração, pedido, conclusão (cf. Faulhaber, 1972:109).

Também na narrativa de Hércules nos surgem três cartas que, tal como o discurso dos vassallos no conselho, de que falámos anteriormente, são interpolações à fonte que está a ser seguida aqui, a *Primera Crónica General*.

Quando chegamos à questão das mudanças de fonte nas crónicas atingimos, no meu entender, um dos aspectos mais interessantes da apreciação das obras literárias da Idade Média. Se, por um lado, a refundição de textos anteriores através da interpolação de trechos que originalmente não estavam aí incluídos é um processo recorrente nesta tradição poético-literária, por outro lado, a formulação de hipóteses relativas às motivações que estão por detrás desta atitude podem levar-nos a uma valorização mais fundamentada destas mesmas obras.

Aparentemente a *Crónica de 1344* não é mais do que um elemento da cadeia tradicional de textos historiográficos criados a partir da escola afonsina, resultando da concorrência de extractos de proveniência diversa: crónicas, livros de linhagem, anais, poemas épicos. E não se trata apenas de influências mais ou menos longínquas: trata-

se, na maior parte do texto, de uma transcrição quase literal dessas fontes. Mas a questão da intertextualidade e da relação da *Crónica* com as suas fontes e com a produção escrita do seu tempo é muito importante nessa avaliação, particularmente quando verificamos que essas fontes específicas e exclusivas, por seu lado, sofreram também intervenções do compilador. Voltemos à narrativa do reinado de Rodrigo. Sabemos todos que ela passa para a *Crónica de 1344* através de uma tradução que fora encomendada por D. Dinis a um clérigo, Gil Peres, confessor e capelão do sogro do conde D. Pedro de Barcelos. Sabe-se também que, se por lado, a tradução está longe de ser fiel, por outro o próprio compilador da *Crónica de 1344* se distanciou desta fonte em algumas passagens. É o caso, nomeadamente, do episódio da penitência do rei Rodrigo, substituída por uma referência mais curta e mais verosímil, retirada de uma fonte cristã (Cintra, 1951:CCL). Se assim procedeu neste caso, o mesmo não aconteceu com outras passagens que constituem igualmente inovações da responsabilidade do tradutor e relativamente às quais a tendência para a abreviação não se manifesta. Este procedimento do compilador da *Crónica de 1344*, que reiteradamente abrevia as fontes de que se serve, foi sublinhado por Lindley Cintra (1951:CCCL) e por Diego Catalán (1970:LXVII e 1974: XIX). Contudo, nos exemplos que acima mencionei o compilador não abrevia nem sumaria passagens que, em termos de lógica e de economia textual, seriam eventualmente dispensáveis. Porque razão conserva, p. ex., os longos discursos proferidos no conselho de Ceuta, ou transcreve a carta de Alataba para o Conde Julião?

Talvez mesmo antes desta questão uma outra se torne também pertinente: como se explicam essas inovações na tradução de Gil Peres? Segundo Lindley Cintra elas resultam do contacto do clérigo com outras obras a que teria tido acesso, tais como poemas épicos ou romances de cavalaria (Cintra, *idem, ibidem*). Com o devido respeito pelo ilustre medievista, proponho que estas amplificações possam ser consideradas também como o resultado de um conhecimento aprofundado da Retórica, pelo menos na sua vertente instrumental e pragmática. Julgo ainda que deva ser atribuído ao compilador da *Crónica de 1344* se não o mesmo conhecimento pelo menos igual gosto pela disciplina, o que está patente na própria decisão de conservar as inovações de Gil Peres onde esse comprazimento pela amplificação retórica é evidente. Mas, para além disso, noutras passagens da obra é possível verificar que ele tomou iniciativas nesse sentido, como é o caso do discurso dos conselheiros de Hércules e das cartas incluídas nessa narrativa e que são, como já disse, interpolações à fonte que estava a ser seguida, a *Primera Crónica General*.

Penso, assim, que é possível admitir a influência de obras de Retórica na elaboração dos trabalhos historiográficos e literários produzidos na corte portuguesa em meados do séc. XIV. Há nitidamente um cuidado retórico na elaboração da *Crónica de 1344*, como, aliás, já havia no *Livro de Linhagens* do Conde D. Pedro de Barcelos. A comparação entre este livro e os anteriores, também produzidos em Portugal, permite verificar a diferença de registo discursivo, sendo nítida a amplificação e a ênfase retórica que marcam a enumeração dos motivos que levam o autor, aí assumido explicitamente na primeira pessoa, a elaborar essa obra (Elisa N. Esteves, 1994:51-54). A palavra «retórica» está presente na *Crónica de 1344* numa passagem retirada da *Primera Crónica*

General e onde se procedeu a uma abreviação, como podemos constatar comparando estes dois exctratos:

Pues que el rey Bamba entro en Toledo [...] renouo los muros de la misma cibdad de Toledo, et fizo los labrar de muy buena obra, e puso sobre las puertas por noblezas piedras marmoles llanas en que fizo escriuir uiessos que son mucho apuestos et bien dictados em latin et en gramatiga, e por uentura non parescen tan bien en el language, ca se non afieren tan bien las palabras. (P.C.G., I: 294)

[Bamba] reparou os muros e torres da cidade e fezê lavar as portas muy fremosamente de maravilhosa obra, ca fezê cima dellas poer pedras marmores grandes e anchas e châas e fez ellas screver verssos muy ben ditados e outras pallavras muy concertadasẽ reitorica. (*Crónica de 1344*, II: 258-259)

A substituição do «latim» e da «gramática» pela «retórica» parece-me ser bastante significativa em si mesma e não deverá ser interpretada apenas como mais uma abreviação do texto que serviu de fonte¹. O elogio às inscrições de Bamba sobre a porta de Toledo ganhou uma maior intensidade quando se substituiu a referência ao facto de se tratar de inscrições em latim, por oposição à língua vulgar, menos nobre e menos precisa, pela afirmação da sintonia dessas inscrições com os preceitos da disciplina do TRIVIUM que se ocupa do estilo e da adequação do discurso aos objectivos pretendidos.

Não estará implícita nesta substituição uma consciência clara da distinção entre a «ars bene loquendi» e a «ars bene dicendi»?

¹ Deve salientar-se que há na Crónica afonsina também uma referência à Retórica, mas num contexto que não foi aproveitado na de 1344 e que diz respeito à história de Roma. Trata-se de uma curiosa reflexão acerca da palavra «dictador»: «Et segun el latin nuestro et ell arte de la rectorica, que es saber de fablar apuestamiente, dictador tanto quiere dezir cuemo dezidor, que dize mucho et todauia bien et apuesto». (P.C.G., I: 85).

Veja-se a propósito das referências à Retórica na literatura hispânica medieval em língua vulgar o capítulo de C. Faulhaber «Rhetorical References in Vernacular Authors» na obra já citada (C. Faulhaber, 1972, pp. 61.97).

BIBLIOGRAFIA

- CASTRO, Aníbal Pinto de, 1973, *Retórica e Teorização Literária em Portugal. Do Humanismo ao Neoclassicismo*, Coimbra, Centro de Estudos Românicos.
- CINTRA, L. F. Lindley, (ed.), 1951, *Crónica Geral de Espanha de 1344. Edição Crítica do texto Português*. Lisboa, Imp. Nac. Casa da Moeda, vol. I: 1951, vol. II: 1954, vol. III: 1964, vol. IV: 1990.
- , 1964, *Crónica Geral da Espanha de 1344. A lenda do rei Rodrigo*, Lisboa, Ed. Verbo.
- ESTEVES, Elisa Nunes, 1994, *A «Crónica Geral de Espanha de 1344». Estudo Estético-Literário* (Tese de doutoramento apresentada à Universidade de Évora para obtenção do Grau de Doutor em Literatura Portuguesa).
- FAULHABER, Charles, 1972, *Latin Rhetorical Theory in Thirteenth and Fourteenth Century Castile*, University of California.
- FERNANDES, R. M. Rosado, 1982, «Breve Introdução aos Estudos Retóricos em Portugal», in *Elementos de Retórica Literária* (de H. Lausberg, Fund. Calouste Gulbenkian (pp. 13-64).
- , 1993, «Retórica», in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa* (org. por Lanciani e G. Tavani), Lisboa, Ed. Caminho.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón, 1958, *Floresta de Leyendas Heroicas Espanholas, Rodrigo, el ultimo Godo*. Tomo I: La Edad Media, Madrid, Espasa-Calpe.